

Informações, imagens e olhares críticos do mundo do teatro

O sítio www.teatrocritica.net

Sergio Lo Gatto



Uma pergunta

O que significa, hoje em dia, fazer teatro?

Esta pergunta antecede todas as outras perguntas possíveis, para quem se debruça nesse mundo não apenas como artista profissional, mas também – e sobretudo – como espectador, elemento activo de um raciocínio, agente sociológico preparado para entrar em contacto com um meio e preparado para trocar energias com esse meio. Desta pergunta importa destacar todas as palavras, ao ponto de, decompô-la, se poderem encontrar quase todas as chaves de um percurso metodológico, que gostaríamos de desenvolver neste texto.

"Teatro": identifica de imediato a área de interesse, uma arte que, quase poderíamos dizer, não existe em si, e que toma vida como urgência, como necessidade fundadora, passa pelos meios do corpo e do espaço e completa-se apenas quando encontra os olhos de quem o desfruta.

"Fazer": a acção prática em absoluto, um paradigma de intervenção, o procedimento empírico que dá forma a uma ideia.

"O que significa?": a construção de uma pergunta essencial, o estímulo que quer chegar mais longe, que quer fotografar o raciocínio na sua raiz, o pressuposto de sentido.

Sergio Lo Gatto é jornalista e crítico teatral. Escreve regularmente para a revista em linha *Teatro e crítica*, para a qual organiza seminários de crítica teatral. Colaborou com periódicos diários nacionais e com revistas da especialidade em Itália e no estrangeiro, tendo também publicado estudos sobre a cena contemporânea. É co-fundador do projecto WritingShop, grupo de pesquisa internacional sobre escrita colectiva para as artes performativas, e colabora com a editora Cue Press.

"Hoje": é no tempo presente que se conjuga o verbo do teatro. É também o mais antigo, que percorreu os séculos e que regressa aos palcos devolvendo as linhas épicas de personagens-símbolo. Cada acção trazida para o palco nasce e morre num minuto, no instante exacto em que se manifesta a duração desse "aqui e agora". Um facto contingente é real em virtude da sua mutabilidade e na medida em que o teatro, na sua capacidade de captar o momento transitório, consiga mostrar aquele desequilíbrio que leva os acontecimentos à sua significação. Será, portanto, no "hoje" que o teatro deve procurar o cenário da sua própria existência.

Uma exigência

Cada um destes argumentos orgulha-se da sua certeza inequívoca, porque consegue vencer o perigo da abstracção no momento em que se torna concreto, um verdadeiro projecto de acção "dentro" da matéria teatral, como o que dia-a-dia tenta ser "teatro" e "crítica", sítio electrónico jornalístico actualmente dirigido, não por uma pessoa, mas por um conselho de redacção composto por três redactores-chefes. Na altura da publicação do seu primeiro documento em <www.teatrocritica.net>, em 2009, Andrea Pocosgnich imaginava aquele espaço como uma janela de informação e aprofundamento sobre artes performativas, um projecto que daria conta do meio teatral ainda não identificado com a crítica em sentido mais restricto, mas também já distante do velho conceito de um ofício que – pelo menos em Itália – já deixara de existir. A seguir aos primeiros meses de "gestão única" aproximaram-se mais dois olhares: os de Simone Nebbia e Matteo Antonaci, na altura redactores de outro sítio sobre teatro, e progressivamente a redacção iria aumentar com Chiara Pirri, Sergio Lo Gatto e, mais recentemente, Marianna Masselli e Viviana Raciti, até às colaborações mais activas sobre os formatos (a fotografia de cena de Futura Tittaferante) e sobre territórios diferentes de Roma (Filippa Ilardo, na Sicília, e Enrico Piergiacomì, no Trentino). E aqui reside o primeiro passo fundamental, que se tornou rapidamente o ponto firme duma verdadeira pequena filosofia: passar do olhar individual à discussão directa com os outros colaboradores significa (e irá significar cada vez mais) pôr esse olhar em causa, pô-lo em crise. Na palavra "crise", nestes últimos tempos tão cruelmente despromovida a espanta-pardais social, reside antes uma raiz fundamental para toda a declinação construtiva de

um discurso: o termo grego *krino*, dividir, separar. E "crítica" deriva mesmo daí, com todo o sentido ligado – antes de mais nada – ao olhar, à capacidade de cindir um aspecto de outro, de os ver reconstruídos num evidente cara a cara, inseridos num quadro de raciocínio finalmente claro, quer para quem escreve quer para quem lê. Através de recensões, entrevistas, pequenas reportagens, apresentação de festivais e debates sobre as políticas culturais, são três, neste momento, os olhares que observam a realidade desse meio. O objectivo principal torna-se o de exercer um ofício que se coloque a meio caminho entre o jornalismo e o comentário sobre o hoje, utilizando como filtro a contingência de um meio artístico e pondo em causa o rigor das interpretações formuladas, a exactidão das opiniões e – cada vez mais – a clareza com que, progressivamente, irão ser seleccionadas as áreas de interesse no âmbito de um panorama como o teatral, tão densamente povoado e tão heterogéneo. A esses olhares juntaram-se outros, mas sempre reunidos em torno duma experiência de contacto directo, nunca unidos por uma conexão apenas virtual.

Uma evidência

Contrariamente ao que se pode imaginar, a crítica teatral em Itália é hoje uma área de investigação fervilhante de actividade. Exactamente em momentos de desleixo cultural redescobre-se, inevitavelmente, o carácter construtivo do termo "emergência", algo que finalmente se mostra, que explode porque expressa uma necessidade. Nestes últimos anos, a internet procurou constituir-se como uma solução para a preocupante diminuição dos espaços oferecidos pelos outros meios de comunicação à reflexão sobre as artes cénicas. E fê-lo com o extraordinário e controverso poder da sua capilaridade, impondo espaços desmedidos sem, infelizmente, propor soluções a um problema de fundo: a autoridade. Um acontecimento como o teatro, um dos poucos que impõe – porque é algo mais do que uma simples solicitação – a existência e a persistência duma comunidade, está ao dispor de todos os olhares. Se é verdade que – no mundo dos blogues e, mais ainda, das redes sociais – toda a gente tem a possibilidade de apresentar a sua opinião, de a abrir ao espaço vital em que convive com a dos outros, decidir reavivar a crítica teatral nos interstícios da rede não pode portanto fazer mais do que impor, desde logo, a estruturação de novas regras, plantando uma bóia num mar de *input*

The screenshot shows the website's layout with a top navigation bar, a main content grid with article teasers, and a sidebar with category selection and news updates. The site's branding 'Teatro e Critica' is prominent at the top.

constantemente agitado pelas tempestades. E, paradoxalmente, quanto mais o meio de pertença se apertar (o teatro infelizmente é e permanece, pelo menos neste momento, como um compartimento sócio-cultural de alcance limitado), mais difícil se torna afirmar a própria identidade.

Uma resposta

A modalidade de intervenção de *Teatro e crítica* está directamente ligada à pergunta inicial: "O que significa, hoje em dia, fazer teatro?" Para nós significa não tanto falar do presente, mas antes "fazer falar" o presente. É antes de mais nada um acto político. E assim deve ser para quem decidir observar aquele processo e de oferecer o seu testemunho: um acto político expresso pela contínua confrontação activa dos olhares, um debate sempre aberto capaz de vencer a evanescência da dimensão virtual a que a internet – utilizada como formato – corre o perigo de levar. O problema quotidiano é conseguir transmitir no âmbito do trabalho em linha o sentido de um espírito crítico que se orgulhe da sua génese complexa, desencadeando uma discussão sempre acesa e apta a transformar a opinião em reflexão, devolvendo à actualidade teatral não apenas a vitalidade das linguagens, mas também e sobretudo a sua função de produção de sentido, de testemunho sobre o tempo partilhado. Esta acção política da crítica só pode ser recuperada se lhe forem concedidos os espaços para uma confrontação activa não apenas no momento em que a reflexão chega aos leitores, mas especialmente na fase que antecede a publicação. Para *Teatro e crítica* a oportunidade de trabalhar "na redacção" é absolutamente irrenunciável: o projecto nunca poderia sobreviver a uma gestão dos

conteúdos totalmente virtual. Porque se trata sobretudo de um trabalho de enxerto, de enraizamento num território; do ponto de vista não tanto geográfico, mas sobretudo cultural. Neste sentido, um tal modelo de crítica não faz sentido a não ser no contacto directo com os elementos que compõem a sociedade teatral: actores, encenadores, técnicos, operadores, gabinetes de imprensa, directores de teatros, instituições e espectadores devem ser os interlocutores directos – físicos – da intervenção crítica. Só assim aquele valor de testemunho actual pode ser recuperado.

Uma expansão

Trata-se então de abandonar a ideia de uma crítica como olhar superior e como termómetro infalível, e recuperar antes um olhar mais popular, activo do ponto de vista político, o olhar de quem frequenta o meio estando por dentro. Na sua evolução, a experiência de *Teatro e crítica* apropriou-se de novas exigências, expandiu-se à procura de uma deslocação, de uma translação destes pequenos passos éticos em direcção a novos territórios e meios, quer do ponto de vista geográfico – numa Itália extremamente fragmentada no que diz respeito a oportunidades e modelos de trabalho –, quer do ponto de vista metodológico, à procura dum fluxo de ideias nunca definitivas, mais uma vez abertas à crise.

Houve, por um lado, a forte vontade de entrar na rede, colaborar com revistas homólogas como *Il tamburo di Kattrin* (<www.iltamburodikattrin.com>) ou *Stratagemmi* (<www.stratagemmi.it>), trocar ideias, teorias, mas sobretudo práticas, ultrapassando limites regionais e de "bairro" que durante demasiado tempo dividiram o teatro e fizeram da reflexão a seu respeito

uma torre inexpugnável de categorias analíticas e de exercício de poder. Por outro lado, foi ainda a esplêndida exigência de passar por vários formatos da escrita crítica, pondo, ao lado do trabalho jornalístico diário, directrizes mais viradas para o aprofundamento. Daqui surge a ideia da editora KleisEdizioni, ainda na sua electrizante fase embrionária. Actualmente, está numa fase exploratória das infinitas oportunidades da edição digital de última geração, sector que na Itália está no começo e que, no que diz respeito ao teatro, já vê a jovem e forte presença da Cue Press (<www.cuepress.com>), editora empenhada na publicação de estudos teatrais e dramaturgias. Por fim, a vocação, cada vez mais forte, para dar um passo além da prática da escrita, experimentando novos formatos de devolução da reflexão, mais próximos duma lógica de um genuíno atravessar do facto cultural. Mais do que no âmbito multimédia, audiovisual e da experimentação sobre os media, de momento *Teatro e crítica* escolheu ampliar a sua pesquisa ligada à formação.

Uma experiência

Na constante procura do contacto directo com o meio e da equidistância entre público e artistas, *Teatro e crítica* sente que encontrou agora um horizonte de crescimento fundamental na oportunidade de transferir uma experiência no âmbito da formação. Encontrar-se, após alguns anos de persistente evolução e de abertura às muitas margens para erro num ofício que só agora – graças ao trabalho de todo um conjunto de experiências homólogas – vive de novo, colocou-nos perante a consciência do quanto esta pequena história, que já temos nas mãos, é capaz de moldar, de utilizar, e portanto – gesto fundamental – de transmitir aos outros.

O que queremos entregar nas mãos de quem participa naquela que é já uma realidade – a *Teatro e crítica LAB* – é não apenas um saber teórico, uma simples ferramenta técnica, uma lista de contactos ou um mapa de realidade com a qual se possa medir, mas a herança real duma vivência profissional e humana, um projecto de formação que está a encontrar abrigo em estruturas cada vez mais diversificadas, um laboratório de crítica e de visão hospedado já por várias temporadas teatrais, em festivais e estruturas universitárias, e não apenas em Roma.

Em cada um destes contextos, o ponto de partida para aplicar um discurso teórico e, sobretudo, prático sobre crítica teatral é sempre o mesmo: a experiência de ver. Colocar-se a si próprio dentro da matéria observada, numa espécie de impulso antropológico. E, portanto, voltar a levar o público ao teatro, para recomeçar a partir daí, tendo já a maioria dos instrumentos sobre os quais construir uma análise. Partindo de novo do termo *público*. Tal como a experiência de ver é partilhada com toda uma plateia de espectadores, integra-a e dela se alimenta, assim um projecto, que visa despertar o espírito crítico oferecendo os instrumentos para se exprimir, pode reencontrar sentido no trabalho de equipa. A técnica da simulação compõe, com o conjunto dos participantes no laboratório, uma verdadeira redacção, encorajada a pensar colectivamente, a pôr em crise, a partilhar uma "linha editorial", de modo a transformar a simples opinião individual numa reflexão de grupo. O mesmo grupo que estará pronto, com as ferramentas técnicas, metodológicas, mas sobretudo humanas, a responder àquela pergunta inicial: "o que significa, hoje em dia, fazer teatro?"

Tradução de Sebastiana Fadda